

Os Judeus Correm Risco de Extermínio por causa de Hamã

Ester 3

No capítulo 3, o enredo da narrativa que ocupa o restante do livro começa a tomar forma. O rei elevou Hamã a uma posição de proeminência. Quando Hamã soube que Mordecai não lhe prestava honra, se inclinando e se prostrando perante ele, e que Mordecai era judeu, decidiu destruir todos os judeus. No primeiro mês do décimo segundo ano do reinado, após decidir qual seria a data do massacre por meio de um “sorteio” (פּוּר, *pur*), Hamã recebeu permissão do rei Assuero para promulgar um edito: todos os judeus deveriam ser mortos “no dia treze do duodécimo mês” (3:13) daquele ano. O restante do livro revela como os judeus foram salvos dessa catástrofe.

A PROMOÇÃO DE HAMÃ (3:1)

¹Depois destas coisas, o rei Assuero engrandeceu a Hamã, filho de Hamedata, agagita, e o exaltou, e lhe pôs o trono acima de todos os príncipes que estavam com ele.

Antes de prosseguir a narrativa, o autor revelou como Hamã tornou-se primeiro-ministro do rei.

Versículo 1. Depois destas coisas, assim como em 2:1, indica um período indeterminado. Os acontecimentos relatados neste capítulo e nos seguintes devem ter ocorrido vários anos após os registrados no capítulo 2. Ester tornou-se rainha no sétimo ano de Assuero, por volta de 479 a.C. (2:16, 17), e o edito autorizando a matança dos judeus foi promulgado no décimo segundo (duodécimo) ano do rei, cerca de cinco anos depois, em 474 a.C. (3:7).

A história neste contexto foi iniciada pelo que poderia parecer um fato relativamente insignificante: a promoção de um dos servos do rei, **Hamã**, ao posto de primeiro-ministro. Essa promoção o exal-

tou e lhe pôs o trono acima de todos os [demais] príncipes.

Hamã é identificado como **filho de Hamedata, agagita**. Essa identificação tem levado estudiosos a pensarem que Hamã era descendente de Agage, o amalequita que Saul não matou quando Deus ordenou-lhe que destruísse todos os amalequitas (1 Samuel 15:1–35)¹. Se Hamã descendia de Agage, o rei que, num sentido, custou a Saul o seu reino, então o conflito entre ele e Mordecai pode ter se originado dessa ocorrência histórica. Isto parece especialmente provável, se Mordecai tinha parentesco com Saul (2:5; 1 Samuel 9:1, 2)².

Outra possibilidade é que o termo “agagita” não tenha sido usado para dizer que Hamã literalmente descendia de Agage, mas para lembrar os leitores da constante inimizade entre os amalequitas e os judeus. Karen H. Jobes expressou esta opinião: “Hamã não precisava ser geneticamente descendente dos amalequitas para ser chamado *agagita*. Ao empregar esse termo, o autor está caracterizando-o como um anti-semita, um inimigo dos judeus. A seguir essa comentarista acrescentou: “Os leitores originais teriam entendido que essa pista introduz outro episódio do velho conflito entre Israel e as potências que tentaram destruí-la”³.

Outros sugerem que a palavra “agagita” nada tem a ver com o Agage histórico, mas que se refere

¹Flavio Josefo identificou Hamã como um amalequita. (Flávio Josefo, *Antiguidades* 11.6.5.) Os amalequitas foram constantes inimigos dos israelitas. (Veja Êxodo 17:8–16; Números 14:40–45; Deuteronômio 25:17–19; Juízes 3:13; 6:3, 33; 2 Samuel 1:1–16.)

²David J. A. Clines, “Esther” em *Harper’s Bible Commentary*, ed. James L. Mays. São Francisco: Harper & Row, 1988, p. 389.

³Karen H. Jobes, *Esther*, The NIV Application Commentary. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1999, pp. 120–21.

a uma cidade ou distrito da Pérsia⁴. Quaisquer que sejam as circunstâncias exatas, Hamã era um inimigo do povo de Deus, assim como Agage o foi.

MORDECAI SE RECUSA A DAR HONRA A HAMÃ (3:2-6)

²Todos os servos do rei, que estavam à porta do rei, se inclinavam e se prostravam perante Hamã; porque assim tinha ordenado o rei a respeito dele. Mordecai, porém, não se inclinava, nem se prostrava. ³Então, os servos do rei, que estavam à porta do rei, disseram a Mordecai: Por que transgredes as ordens do rei? ⁴Sucedeu, pois, que, dizendo-lhe eles isto, dia após dia, e não lhes dando ele ouvidos, o fizeram saber a Hamã, para ver se as palavras de Mordecai se manteriam de pé, porque ele lhes tinha declarado que era judeu. ⁵Vendo, pois, Hamã que Mordecai não se inclinava, nem se prostrava diante dele, encheu-se de furor. ⁶Porém teve como pouco, nos seus propósitos, o atentar apenas contra Mordecai, porque lhe haviam declarado de que povo era Mordecai; por isso, procurou Hamã destruir todos os judeus, povo de Mordecai, que havia em todo o reino de Assuero.

Versículo 2. Um fato adicional à subida de Hamã ao poder foi que **todos os servos do rei** eram obrigados a dar-lhe honra. Provavelmente, estavam inclusos aqui os oficiais do governo, bem como os servos da casa do rei. Todos que estavam presentes à **porta do rei** – a entrada do palácio aonde os visitantes chegavam e entravam e onde muitos negócios oficiais eram conduzidos – **se inclinavam e se prostravam perante Hamã**. “Inclinar-se” (הִשָּׁחָה, *shachah*) significa literalmente “prostrar-se perante”, como em adoração. O [próprio] rei tinha ordenado que se prestasse essa honra a Hamã.

Uma pessoa recusou-se a obedecer a essa ordem do rei: **Mordecai**, o judeu. Uma vez que Mordecai já fora apresentado ao leitor em 2:5–7 como um judeu, primo e guardião da rainha Ester, o autor não se importou em identificá-lo novamente neste contexto. Não havia tampouco a necessidade de explicar que Mordecai estava assentado “à porta do rei”, pois era ali que ele ia para se informar de como estava Ester (veja 2:11, 21).

⁴F. B. Huey, Jr., “Esther” em *The Expositor’s Bible Commentary*, vol. 4, *1 Kings—Job*, ed. Frank E. Gaebelin. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1988, p. 812.

Versículo 3. O próprio Hamã não percebeu de imediato a insubordinação de Mordecai, mas **os servos do rei**, que estavam à **porta do rei** perceberam. Perguntaram a ele por que **transgredia as ordens do rei**.

Versículo 4. Esses homens estavam tentando persuadir Mordecai a mudar de comportamento; falaram com ele sobre isso **dia após dia**. Mordecai não se submeteu, por isso relataram sua insubordinação a Hamã, talvez perguntando se **as palavras de Mordecai** para justificar a recusa em se prostrar eram aceitáveis. Apesar de o autor não especificar o motivo do comportamento, é evidente que tinha algo a ver com o fato de Mordecai ser judeu. O texto relaciona “as palavras de Mordecai” com **ele lhes tinha declarado que era judeu**.

Por que ser judeu impedia que Mordecai desse honra a Hamã? O texto não fornece uma pronta resposta para essa pergunta. A lei de Moisés proibia que se prostrasse perante um ídolo, mas não proibia que se prostrasse perante reis da terra. O Antigo Testamento contém exemplos do povo de Deus se prostrando perante governantes e outras figuras revestidas de autoridade (Gênesis 23:7; 27:29; 1 Samuel 24:8; 2 Samuel 14:4; 1 Reis 1:16)⁵.

Já foi sugerido que a animosidade entre os judeus e os amalequitas estava por trás da recusa de Mordecai. Outra possibilidade é que Mordecai acreditava que Hamã estivesse se apresentando como um deus, e por isso ele igualou o prostrar-se perante Hamã com a adoração a um deus falso⁶.

Os intérpretes costumam apoiar a ideia de que Mordecai estava evitando dar a Hamã a glória que só Deus merece. Usam a recusa de Mordecai em se prostrar perante Hamã como um bom exemplo a ser imitado. Todavia, Mordecai poderia estar equivocado em pensar que prostrar-se a Hamã era o mesmo que participar de uma prática idólatra. O comportamento de Mordecai só revela que ele fez o que sua consciência exigiu dele. Novamente,

⁵A Lei não proibia que os judeus se curvassem a autoridades terrenas, nem exigia que o povo de Deus lhes obedecesse (como instrui o Novo Testamento).

⁶Segundo os acréscimos apócrifos a Ester, na LXX, Mordecai disse: “Fiz isto para não colocar a glória humana acima da glória de Deus, e não vou me prostrar a nenhum outro, se não a ti, que és o meu Senhor” (Acréscimos a 13:14). Uma interpretação rabínica diz que Mordecai estava evitando idolatria. O midrash diz que Hamã “afixou uma imagem adornada ao seu manto na altura do peito, e quem se prostrasse a ele estaria se prostrando à imagem” (*Esther Rabbah* 7.5).

precisamos nos lembrar que o narrador, ao contar a história, não condenou nem elogiou Mordecai. Ele estava simplesmente relatando os fatos.

Versículo 5. Quando **Hamã** soube do desrespeito de Mordecai, **encheu-se de furor**. Talvez, conhecendo a natureza humana, podemos entender essa reação. Ninguém gosta de ser desrespeitado; e sendo alguém que acabara de ser promovido ao cargo de nomeação mais elevado do reino, Hamã provavelmente estava cheio de orgulho e especialmente sensível a ofensas da partes dos seus subalternos.

Versículo 6. Todavia, o que aconteceu a seguir não é de forma alguma compreensível; a reação de **Hamã** não poderia ser prevista pelo leitor. Ele **teve como pouco** (literalmente, “não fez caso de”) lançar um castigo **apenas contra Mordecai** por causa dessa transgressão; antes, decidiu **destruir todos os judeus... em todo o reino!** Mordecai, evidentemente, estaria incluído no massacre; mas o restante de milhares de judeus que não haviam mostrado nenhum desrespeito também estava condenado à morte!

Assim como o autor nada disse sobre os motivos de Mordecai, ele continuou sem explicar a justificacão de Hamã por esse plano irracional. Certamente Hamã poderia ter punido Mordecai. Por que optou por não o fazer? Ele acreditava que a única maneira de se vingar do crime de desrespeito era executando milhares? Hamã poderia ser classificado como um egomaniaco sociopata, ou poderíamos simplesmente dizer que Hamã é uma demonstracão das terríveis consequências do orgulho exacerbado.

A TRAMA DE HAMÃ PARA DESTRUIR OS JUDEUS (3:7–11)

⁷No primeiro mês, que é o mês de nisã, no ano duodécimo do rei Assuero, se lançou o Pur, isto é, sortes, perante Hamã, dia a dia, mês a mês, até ao duodécimo, que é o mês de adar. ⁸Então, disse Hamã ao rei Assuero: Existe espalhado, disperso entre os povos em todas as províncias do teu reino, um povo cujas leis são diferentes das leis de todos os povos e que não cumpre as do rei; pelo que não convém ao rei tolerá-lo. ⁹Se bem parecer ao rei, decrete-se que sejam mortos, e, nas próprias mãos dos que executarem a obra, eu pesarei dez mil talentos de prata para que entrem nos tesouros do rei. ¹⁰Então, o rei tirou da mão o seu anel, deu-o a Hamã, filho de Hamedata, agagita, adversário dos judeus, ¹¹e

lhe disse: Essa prata seja tua, como também esse povo, para fazeres dele o que melhor for de teu agrado.

Versículo 7. Depois que decidiu o que faria – a saber, matar todos os judeus – Hamã decidiu quando o faria. O Pur, isto é, sortes foi sugerido a Hamã para revelar a melhor ocasião para ele executar o seu plano (veja 9:24). “Sortes” (גורל, *goral*) era o meio usado para “se chegar a uma decisão justa e imparcial” (veja 1 Crônicas 25:8; Neemias 10:34; 11:1; Salmos 22:18; Provérbios 18:18) e para descobrir a vontade de Deus (Provérbios 16:33)⁷. O Purim (plural) servia ao mesmo propósito que um par de dados serviria hoje. Os resultados de rolar os dados ou jogar uma moeda são uma questão de chance, fora do controle de seres humanos. No mundo antigo, porém, não se associava o lançar sortes com o acaso; acreditava-se que os resultados do Pur eram sempre controlados pelas divindades adoradas. Hamã, então, estava perguntando a seus deuses qual seria a hora mais favorável para exterminar os judeus.

Tudo indica que o primeiro mês, nisã (março/abril) era, pelo menos no pensamento babilônico, “a época do ano para se definir destinos”⁸. A sorte foi lançada desta vez para definir a data exata da execucao do plano de Hamã. Lançaram sortes, dia a dia e mês a mês até obterem uma resposta positiva. Enquanto se lançavam as sortes, provavelmente Hamã perguntava: “Este é um bom dia/mês para destruir os judeus?” Se a cada lance não houvesse resposta ou se esta fosse negativa, repetia-se o lance até se obter uma resposta positiva. A sorte finalmente caiu no duodécimo, que é o mês de adar (fevereiro/março). O mesmo processo resultou na escolha do dia treze (veja 3:13), embora esse detalhe não conste do TM (veja a LXX).

Versículo 8. No papel de primeiro-ministro do rei, Hamã tinha pronto acesso ao rei Assuero; por isso ele pediu permissão ao rei para executar o seu plano. Ele procurou persuadir o rei usando duas abordagens.

Inicialmente, Hamã retratou os judeus⁹ como uma ameaça ao reino. Ele descreveu o povo judeu

⁷Clayton Winters, *Commentary on Ezra—Nehemiah—Esther*. Abilene, Tex.: Quality Publications, 1991, p. 176.

⁸D. J. A. Clines, *Ezra, Nehemiah, Esther*, The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1984, p. 295.

⁹Segundo o registro, ele não identificou o povo desobediente como sendo os judeus.

para Assuero como um grave perigo à paz e à ordem do império. O que ele disse foi uma combinação astuta de verdade e mentiras¹⁰.

Disse Hamã: **Existe espalhado, disperso entre os povos em todas as províncias do teu reino, um povo.** Essa frase era verdadeira; e era uma boa descrição da situação dos judeus por volta de 475 a.C.

E acrescentou: **cujas leis são diferentes das leis de todos os povos.** Essa afirmação também era verdadeira. Os judeus ficariam gratos em saber que os gentios reconheciam que a lei deles, a lei de Moisés, era diferente de todas as outras leis. A observância da lei judaica era perceptível porque algumas ordenanças – especialmente as relativas a alimentação e adoração – resultaram na não assimilação cultural total dos judeus nas sociedades em que viviam.

O primeiro-ministro também afirmou o seguinte sobre o povo judeu: **não cumpre as [leis] do rei.** Essa acusação era falsa. Hamã estaria justificado se dissesse que Mordecai infringiu a leis do rei, mas era injusto e irracional da parte dele concluir que os judeus em geral não obedeciam às leis sob as quais viviam (veja Jeremias 29:7). Ester foi escrito, em partes, para refutar essa acusação. Obviamente, Hamã não estava preocupado com a veracidade dessa acusação; era uma acusação que dava apoio ao que ele queria fazer.

Hamã concluiu com um quarto comentário: **pelo que não convém ao rei tolerá-lo.** Novamente, ele estava fazendo uma declaração falsa. Como provaram as próprias ações de Mordecai em 2:19–23, o rei se beneficiou com a presença dos judeus.

Versículo 9. Na segunda parte de sua abordagem, Hamã insinuou que a destruição dos judeus forneceria uma oportunidade para o rei obter grande riqueza. Disse ele: **Decrete-se [literalmente, ‘escreva-se’] que sejam mortos.** Então, ele prometeu ao rei dez mil talentos de prata (uma soma enorme, “equivalente a dois terços do orçamento anual do governo central da Pérsia”¹¹), se ele emitisse esse decreto. Ainda que o texto não deixe isso claro, a promessa de Hamã de ouro provavelmente não viria de sua própria conta bancária. Seria confiscada dos judeus, quando fossem atacados e assassinados. Mesmo assim, essa grande soma devia indicar

que Hamã era um homem rico (veja 5:11); “a proposta seria absurda se ele já não dispusesse desse dinheiro”¹². O dinheiro seria levado pelos que executavam o serviço sujo e por fim seria depositado nos tesouros do rei.

Dois fatos parecem óbvios nessa proposta. 1) Pelo menos alguns dos judeus que seriam atacados estavam em ótima situação. Deviam ser conhecidos pela riqueza; de outro modo, Hamã não teria oferecido seu suborno com tanta confiança. 2) Hamã estava ciente de que o rei poderia ser influenciado pela oferta de prata. Nessa transação, nenhum deles tinha motivos inquestionáveis. Hamã estava motivado por orgulho, ódio e vingança; mas ele tentou fazer o rei crer que estava pensando apenas no bem do império. O rei devia gostar que pensassem que ele só se preocupava com a ordem no seu reino, mas ele realmente estava atrás do dinheiro que poderia ganhar – e Hamã sabia disso!

Versículo 10. Depois de ouvir sobre os “dez mil talentos de prata”, o rei se convenceu. Ele **tirou da mão o seu anel**, símbolo de sua autoridade, e **deu-o a Hamã**. Empossado do anel, Hamã poderia fazer o que quisesse, pois tinha o aval do rei. F. B. Huey Jr. disse: “O anel era um símbolo de autoridade real e nos tempos antigos era usado no lugar de uma assinatura à pena para selar documentos oficiais”¹³. Empregando as mesmas palavras de 3:1, o autor referiu-se novamente a Hamã como **filho de Hamedata, agagita**; porém desta vez acrescentou as palavras **adversário dos judeus**.

Versículo 11. O rei informou Hamã que ele podia guardar o dinheiro para si. Provavelmente, não estava sendo sincero quando abriu mão da oferta. Antes, estava empregando uma técnica de negociação típica daquela cultura. Disse ele: **Essa prata seja tua** (literalmente, “a prata é dada a você”)¹⁴, mas esse tom de voz pode ter informado a Hamã que ele ficaria contente em acrescentar a prata aos seus tesouros reais¹⁵.

O rei também disse que Hamã poderia tratar aquele povo (os judeus) como fosse do agrado dele. Com a autoridade do rei, ele conseguiria destruir os judeus por todo o império.

¹⁰Joyce G. Baldwin, *Esther*, The Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity Press, 1984, p. 74.

¹¹Clines, “Esther”, p. 391. Incluindo ouro e prata, os persas tomavam menos de quinze mil talentos em tributos anualmente. (Heródoto, *Histórias* 3.95.)

¹²Baldwin, p. 74.

¹³Huey, p. 813.

¹⁴Outras versões, seguindo a LXX, traduziram por “guarde o dinheiro” (NIV; NJB; REB).

¹⁵Um argumento contra essa interpretação é o fato de que Xerxes rejeitou uma soma ainda maior em outra ocasião. (Heródoto, *Histórias* 7.27–29.)

A PROCLAMAÇÃO DE HAMÃ (3:12–15)

¹²Chamaram, pois, os secretários do rei, no dia treze do primeiro mês, e, segundo ordenou Hamã, tudo se escreveu aos sátrapas do rei, aos governadores de todas as províncias e aos príncipes de cada povo; a cada província no seu próprio modo de escrever e a cada povo na sua própria língua. Em nome do rei Assuero se escreveu, e com o anel do rei se selou. ¹³Enviaram-se as cartas, por intermédio dos correios, a todas as províncias do rei, para que se destruíssem, matassem e aniquilassem de vez a todos os judeus, moços e velhos, crianças e mulheres, em um só dia, no dia treze do duodécimo mês, que é o mês de adar, e que lhes saqueassem os bens. ¹⁴Tais cartas encerravam o traslado do decreto para que se proclamasse a lei em cada província; esse traslado foi enviado a todos os povos para que se preparassem para aquele dia. ¹⁵Os correios, pois, impelidos pela ordem do rei, partiram incontinenti, e a lei se proclamou na cidadela de Susã; o rei e Hamã se assentaram a beber, mas a cidade de Susã estava perplexa.

Versículo 12. No dia treze do primeiro mês (nisã, ou março/abril), os **secretários do rei** foram chamados para colocar o decreto na forma escrita. Faltavam onze meses para a data em que Hamã pretendia efetuar o massacre dos judeus (3:13).

O decreto foi direcionado a todos os líderes do império, dos grandes (os **sátrapas do rei**) aos menores (os **príncipes**, ou oficiais locais). Dois fatos sobre esse edito são enfatizados. 1) Ele foi enviado a todo o império (a **todas as províncias e aos príncipes de cada povo... na sua própria língua**) e afetaria, portanto, todos os judeus por toda a parte. 2) Apesar de escrito por Hamã, ele foi publicado **em nome do rei** e selado com o **anel** dele. Ele possuía a força de uma lei real, imutável.

Versículo 13. O decreto foi enviado, **por intermédio dos correios, a todas as províncias do rei**. Essa atuação do eficiente sistema postal do Império

Persa concorda com o que se acha em 1:22, e o mesmo sistema é mencionado novamente em 8:10 e 14.

O conteúdo do decreto e os detalhes de sua publicação são fornecidos a seguir. A nova lei afirmava que **no dia treze do duodécimo mês [adar, ou fevereiro/março] se destruíssem... todos os judeus, moços e velhos, crianças e mulheres**. O decreto incluía três palavras para a matança que estava sendo autorizada: os inimigos dos judeus tinham permissão para destruir, matar e aniquilar os judeus. Profundamente afetada por essa notícia, Ester mais tarde apelaria ao marido: “Fomos vendidos, eu e o meu povo, para nos destruirmos, matarem e aniquilarem de vez” (7:4). Além disso, os bens dos judeus deveriam ser saqueados; os que os matassem poderiam **saquear-lhes os bens**. A perspectiva de adquirir riqueza transformou isto numa proposta atraente.

Versículo 14. O edito não especificava quem deveria ser responsável pelo genocídio. Visto que o autor disse que o decreto foi promulgado **em cada província... a todos os povos**, o convite para se unirem na matança dos judeus evidentemente estava sendo oferecido a todos. Tendo em vista os fatos relatados no capítulo 9, o leitor pode inferir que o convite foi aceito pelos inimigos dos judeus.

Por todo o império, os judeus e seus inimigos se prepararam para a chegada do dia fatal, o dia treze de adar, a data escolhida pelo lançamento de sorte, o Pur.

Versículo 15. Olhando para as longínquas fronteiras do reino, o autor virou o foco para a capital, **Susã**. Ali, também, o decreto foi proclamado, deixando-a **perplexa**. Essa “perplexidade” devia ser resultante da proeminência dos judeus na cidade, os quais eram considerados bons cidadãos. O restante do povo que habitava Susã devia estar se perguntando: “Por que se proclamar um edito como esse?”

O relato conclui num tom irônico. Enquanto o restante da cidade estava perplexo, **o rei e Hamã** divertiam-se tranquilamente, bebendo juntos no palácio. A amizade deles a essa altura contrasta fortemente com o que aconteceria entre eles no fim da história.

Autor: Coy Roper

© A Verdade para Hoje, 2018

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS